

De Ênio para Herberto, do INL para a *Civilização* – Ensaio sobre as redes intelectuais e publicação de livros na Ditadura (1970-1981)

Ênio a Herberto, del INL para Civilization - Ensayo sobre las redes intelectuales y la publicación de libros sobre la dictadura (1970-1981)

Ênio to Herberto, the INL for Civilization - Essay on the intellectual networks and publishing books on Dictatorship (1970-1981)

Mariana Rodrigues Tavares¹

Palavras chave:

Instituto Nacional do Livro

Editoras

Políticas de coedição

Ditadura

Resumo:

Esta pesquisa pretende identificar as ações definidoras das políticas de edição do Instituto Nacional do Livro (INL) e, a partir delas, levantar e mapear os conflitos e alianças intelectuais que existiram entre os indivíduos que compuseram os quadros do referido instituto. Neste artigo, adota-se um capítulo peculiar da história do Instituto Nacional do Livro. A narrativa aqui empreendida será contada por meio das relações de negociação tecidas entre editores e diretores do Instituto Nacional do Livro, sobretudo, Ênio Silveira e Herberto Sales. Empregaremos, nesta análise, o uso de correspondências e pareceres institucionais que funcionam como instrumentos de compreensão das complexas redes intelectuais, definidoras das políticas de edição, publicação e circulação de livros durante a Ditadura Civil-militar, mais especificamente, entre os anos de 1971-1980. O que este trabalho pretende é evidenciar de que maneira as negociações também fizeram e fazem parte do universo da política e, sobretudo, destacar que as posições partidárias de “esquerdas e direitas” têm também pontos de interlocução e não somente de oposição.

Resumen:

Esta investigación tiene como objetivo identificar las acciones que definen las políticas de edición del Instituto Nacional del Libro (INL) y, a partir de ellas, levantar y mapear los conflictos y alianzas intelectuales que existían entre los individuos que hicieron los marcos del referido instituto. En este trabajo se adopta un capítulo peculiar en la historia del Instituto Nacional del Libro. La narrativa realizada aquí será contada a través de las relaciones negociales que se tejen entre los editores y los directores del Instituto Nacional del Libro, sobretudo Ênio Silveira y Herberto Sales. Emplearemos, en este análisis, el uso de la correspondencia y las opiniones institucionales que funcionan como instrumentos de comprensión de redes intelectuales complejas y definen las políticas de edición, publicación y distribución de libros durante la dictadura cívico-militar, más concretamente entre los años 1971 - 1980. Lo que este artículo pretende mostrar es cómo las negociaciones también estuvieron presentes y aún siguen en el universo de la política y, sobre todo, resaltar que las posiciones de los partidos de “izquierda y derecha” también tienen puntos de diálogo y no solamente oposición.

Palabras clave:

Instituto Nacional del Libro

Editoras

Políticas coedición

Dictadura

Keywords:

Instituto Nacional do Livro

Publishers

Coedição policies

Dictatorship

Abstract:

This research aims to identify the defining actions of the political editor of Instituto Nacional do Livro (INL) and, from them, up and map the intellectual conflicts and alliances that existed between the individuals who made the frames of the institute said. This paper adopts a peculiar chapter in the history of the National Book Institute. The narrative undertaken here will be told through trading relations woven between editors and directors of the Instituto Nacional do Livro, especially Ênio Silveira and Herberto Sales. Employ in this analysis, the use of institutional correspondence and opinions which operate as instruments of understanding of complex intellectual, defining network policies editing, publication and circulation of books during the Civil-Military Dictatorship, more specifically, between the years 1971- in 1980. What this paper intends to show is how the negotiations and also made part of the universe of politics and especially highlight that party positions “left and right” also have points of dialogue and not just opposition.

De Ênio para Herberto, do INL para a *Civilização* – Ensaio sobre as redes intelectuais e publicação de livros na Ditadura (1970-1981)

Nosso caminho, por isso, é necessariamente áspero e cheio de riscos. Mas prosseguiremos sempre, com dedicação quase religiosa à causa da cultura brasileira, porque algumas pessoas que contam, âmbito oficial e/ou privado, nos estão dando considerável apoio moral e material. (Carta de Ênio Silveira a Herberto Sales, grifos do autor)

Faz cerca de trinta e quatro anos que Ênio Silveira endereçou esta carta a Herberto Sales, então diretor Instituto Nacional do Livro (INL). Não encontramos a resposta. Sabemos que nela, o proprietário da editora *Civilização Brasileira* explicita a sua insatisfação com o Brasil a época e, principalmente, destaca a sua atuação incansável na defesa da cultura brasileira em tempos árduos como eram os do período ditatorial. A isto, devemos acrescentar o fato de que Ênio era um editor de expressão política de esquerda bem marcada. Sobre o trecho citado, cabem-nos algumas indagações. De qual apoio Ênio estaria falando? Qual a relação existente entre Herberto Sales e Ênio Silveira que justifica o envio da carta? Essas e outras questões podem ser feitas ao cruzarmos as trajetórias dessas duas personagens, em especial, ao esquadrinharmos as relações entre eles, a editora *Civilização Brasileira* e o INL. É o que faremos nas próximas linhas.

Ênio e Herberto – uma amizade impossível?

Você, meu querido Herberto, é primus inter pares: como excelente au-

tor, honra nosso catálogo com sua presença; como diretor do INL, compreende nosso esforço e nos apoia sempre que pode; como amigo, está sempre a estimular-nos com calorosa atenção e proveitosos conselhos. (carta de Ênio a Herberto – continuação, grifos do autor)

Ênio não era inimigo de Herberto. E o inverso também é verdadeiro. Muito pelo contrário, eram amigos e próximos. A amizade entre ambos não se justifica apenas por meio do conteúdo desta carta, mas pela troca de outras correspondências e por um diálogo frequente, com direito, inclusive, a ligações telefônicas. Esperava-se que fossem inimigos políticos, sobretudo, pelas posições partidárias, mas não foram. As ambivalências humanas são capazes de nos surpreender e desafiam as narrativas bem ordenadas dos historiadores que frequentemente opõem as relações sociais em pares dicotômicos precisos e rigorosos.

Ao que parece, Ênio Silveira e Herberto Sales devem ter se conhecido nos círculos letrados do estreito universo intelectual. Tanto um quanto o outro se iniciaram desde muito jovens nos meios da produção e da circulação dos impressos. No caso de Herberto Sales², o trabalho no jornal *O Cruzeiro* e nos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand certamente lhe garantiu visibilidade. Até a atuação nos jornais, posterior a 1948, Herberto havia trabalhado como comerciante e garimpeiro na região do Andaraí, Bahia. A notoriedade de Sales só foi possível mais tarde quando do lançamento de seu primeiro romance, *Cascalho*, e de sua transferência para o Rio de Janeiro.

Diferentemente de Herberto, Ênio Silveira iniciou a carreira com condições sociais um pouco mais propícias ao universo letrado. Nasceu numa família tradicional paulista em que o avô fora Secretário

da Educação, da Justiça e da Segurança Pública do Estado de São Paulo, deputado estadual, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos autores editado pela Companhia Editora Nacional. Além do avô Valdomiro Silveira, o tio Alarico Silveira, foi secretário da presidência de Washington Luís e ministro do Superior Tribunal Militar. Outra familiar, Dinah Silveira de Queiroz, prima do nosso editor, foi uma importante romancista, premiada pela Academia Paulista de Letras e editada pela livraria e editora José Olympio³. Somada a poderosa herança intelectual familiar, Ênio Silveira, ainda durante os estudos universitários, obteve seu primeiro emprego como revisor no jornal *Folha de São Paulo*. Em 1944, conheceu Monteiro Lobato, então diretor da Cia. Nacional⁴, que o apresentou a Octalles Marcondes Ferreira⁵. Essa apresentação rendeu a Silveira a ocupação de um cargo melhor na casa editorial proporcionada pelo fato de seu avô ser um dos principais editados da Nacional. Neste mesmo ano, Herberto Sales⁶ estreava com o romance *Cascalho*, sua principal obra e se transferiria para a cidade do Rio de Janeiro.

Nos anos 1950, Ênio Silveira se tornou responsável pela editora Civilização Brasileira⁷, inicialmente enquanto um segmento da Companhia Editora Nacional no Rio de Janeiro. Ao longo das duas décadas, Silveira publicou no catálogo da Civilização obras consagradas da literatura universal, incentivou novos escritores e deu espaço a obras de cunho marxista. A relação com a Nacional foi ainda mais estreitada, sobretudo, com o casamento de Ênio com uma das filhas de Octalles. Sendo assim, em 1963 a Civilização Brasileira passara oficialmente para as mãos de Ênio Silveira. Enquanto isso, Herberto Sales continuava publicando suas obras e trabalhando como jornalista. Muitos dos títulos de Herberto foram editados em primeira versão pelas edições *O Cruzeiro*, timbre da empresa jornalística onde atuava, e posteriormente, foram relançadas

pela editora de Ênio⁸. Mas nos anos 1970, as posições de ambos se inverteram no campo. Ênio perdia cada vez mais espaço com a ditadura civil militar ao contrário de Herberto Sales que despontava como principal nome do Instituto Nacional do Livro.

Após o Golpe de Estado, a editora Civilização Brasileira passou a ser o alvo de inúmeras iniciativas repressivas do governo militar. Quando da primeira medida jurídica da ditadura, o Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, o governo militar, além de cassar os mandatos legislativos de deputados federais, senadores e vereadores, suspendeu por dez anos os direitos políticos de cerca de quatrocentas pessoas, entre as quais estavam Ênio Silveira, Edmar Morel, Guerreiro Ramos, Franklin de Oliveira e Nelson Werneck Sodré, todas consideradas ameaças em razão de suas atuações políticas de esquerda.

No decorrer da ditadura, Ênio Silveira foi preso por sete vezes, pelo menos. Num dos primeiros processos que resultou em sua prisão, a investigação era relativa à origem de seus bens e se a sua editora havia recebido apoio financeiro do governo de João Goulart ou mesmo de organismos internacionais. Mais tarde, em 1968, logo após a edição do AI-5, uma nova onda de prisões acontecia em todo o Brasil. Em dezembro desse ano, Ênio foi recolhido ao quartel da polícia do Exército, no Rio de Janeiro. A editora Civilização Brasileira sofreu um segundo atentado à bomba e um incêndio criminoso em 1970, momento difícil para a empresa devido às dificuldades financeiras. Ainda em 1970, Silveira foi preso por mais duas vezes. Além das prisões e cassações, Ênio deixou a direção da *Revista Civilização Brasileira* a partir de março de 1966, sendo substituído por Manuel Cavalcanti Proença, e depois, quando do falecimento deste, por Moacyr Félix, ficando até o último número que correspondeu ao período de setembro a dezembro de 1968. Desde

a saída de Ênio, o conteúdo da Revista abordou cada vez menos as ações autoritárias da ditadura e passou a privilegiar análises de caráter teórico dos campos da economia e das ciências sociais.

Enquanto isso, Herberto Sales attingia o cume de sua carreira intelectual. Em 1971 ingressou na Academia Brasileira de Letras se tornando o quarto ocupante da cadeira de nº 3 na sucessão de Aníbal Freire da Fonseca e sendo recebido por Marques Rebelo, amigo de longa data. Cerca de três anos depois do sucesso na ABL, em 1974 assumiu a direção do Instituto Nacional do Livro. No governo militar, a vez era de Ernesto Geisel. O general dera continuidade às diretivas formuladas pelo governo de Médici, mantendo uma política de incentivo ao desenvolvimento dos programas de pós-graduação. No plano do incentivo e apoio à cultura nacional, foram criadas inúmeras agências estatais como a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme), a Fundação Nacional das Artes (Funarte) e o Serviço Nacional de Teatro (SNT)⁹. Na órbita dos livros, o INL continuava “inundando” o mercado editorial brasileiro com a sua política de coedições. Herberto, o novo diretor, deu continuidade ao programa e o transformou no maior “sucesso” do Instituto. Nesse momento, os dois amigos se aproximaram como nunca. Trocaram cartas, telefonemas e negociaram edições de livros. Aqui as relações aparentemente “impossíveis” entre a direita e a esquerda se estreitaram cada vez mais e resultaram numa aproximação que, para muitos, soaria um tanto quanto improvável.

“Negociar” é o lema! – Redes intelectuais e publicação de livros na Ditadura: 1970-1981

a tribo da CIVILIZAÇÃO está chegando, aos trancos e barrancos, ao fim de mais um ano de muito trabalho, duros sacrifícios, penosa frustração e, ape-

sar disso, continuada esperança em dias melhores. (Carta de Ênio Silveira a Herberto Sales – continuação, grifos do autor)

Já diz o conhecido o adágio popular que *a esperança é a última que morre*. E em 1980 ela ainda não havia morrido para Ênio Silveira e para sua casa editorial. A ditadura realmente fora avassaladora para a Civilização Brasileira e, sobretudo, para seu editor. No entanto, a política de coedições do Instituto Nacional do Livro havia representado um pequeno facho de luz no fim do escuro túnel da Civilização.

Ao longo dos anos 1970, a política de coedições marcou a ação do INL. A diretoria do Instituto Nacional do Livro cabia a essa época a escritora Maria Alice Barroso¹⁰ que em 1970 já divulgava na *Revista do Livro*¹¹ o programa de convênio firmado entre o Instituto e as editoras privadas encampado pelo Ministério de Jarbas Passarinho. As primeiras casas editoriais que estabeleceram essa associação foram: *Tecnoprint; Melhoramentos; J. Olympio; Cultrix; Agir; Lia; Coordenada de Brasília; Lidador; Livros no Mundo Inteiro; Conquista; Brasiliense; Quatro Artes; Paz e Terra; José Álvaro; Grifo; Ática; Globo; Laudes; Expressão e Cultura; Tempo Brasileiro; Bruguera; Bonde; Civilização Brasileira; Leitura; Cátedra; Nosso Tempo; O Cruzeiro; GRD; Poster Graph; Editora Record; Renes Ltda; Brasília S.A; Livro Místico e Cadernos Didáticos*.

Quanto aos pareceristas¹², o Instituto tinha os principais nomes da intelectualidade do período dentre os quais se encontravam: Luiz Antonio Barreto, secretário e parecerista; José Galante de Souza; Clarice Lispector; Altimar de Alencar Pimentel; Américo Jacobina Lacombe; Antônio Geraldo da Cunha; Vicente de Paulo Vicente de Azevedo; Eduardo Portella; Assis Brasil; Celso Ferreira da Cunha; Valdemar Cavalcanti; Carlos Xavier Paes Barre-

to; Odaléa de Queiroz Cunha; Vitorino F. Sanson; Antonio Geraldo Pereira Caldas; Walmir Ayala; Adonias Filho; Marcos Konder Reis; Octavio de Faria e muitos outros nomes que ingressaram posteriormente até o fim da política de coedições nos anos de 1986-87.

Já em novembro de 1970, primeiro ano do programa de coedições, a editora Civilização Brasileira solicitou o convênio para edição da *Obra completa de Oswald de Andrade*. A diretora do INL, Maria Alice Barroso emitiu o seguinte parecer:

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1970
À editora Civilização Brasileira S/A
Prezado Senhor:

Tenho a satisfação de comunicar a V.S^a que a Comissão de Leitura deste Instituto, em reunião de 26 de novembro de 1970, recomendou o texto da obra “Obra Completa de Oswald de Andrade”, enviada por V.S^a, para a publicação através de convênio.

A aprovação final, para efeito de publicação, tendo em vista o que dispõe a Portaria Ministerial nº35 de 11 de março – de 1970, ficará na dependência de parecer a ser oferecido pela Seção de Publicações deste Instituto sobre o custo da aquisição face aos recursos de que dispõe o INL. Para esse fim, solicito a V.S^a apresentar orçamento – pela referida Seção de Publicações.

Atenciosamente,
Maria Alice Barroso.
Diretora do INL.

Ao que parece, a Seção de Publicações do Instituto foi favorável à solicitação do nosso editor e em 1971, as *Obras completas de Oswald de Andrade*¹³ foram lançadas. Cerca de cinco anos antes, a situação de Ênio Silveira com o governo mi-

litar já era um tanto quanto delicada, mas nada que o tenha impossibilitado de preparar uma solicitação ao INL. A primeira página do jornal Correio da Manhã de 29 de maio de 1965 trazia a seguinte notícia: *Advogado quer Pina punido*, e completava a manchete com a seguinte reportagem:

O advogado Heleno Fragoso impetrou, ontem, no Supremo Tribunal Militar, *habeas-corpus* em favor do editor Ênio Silveira, sustentando a ilegalidade de sua prisão e solicitando que seja aberto inquérito contra o coronel Gerson de Pina, que “praticou crime de exercício arbitrário ou abuso de poder”, definido no artigo 350 do Código Penal comum.

Conforme informa a reportagem, a prisão do editor acontecera em virtude de uma acusação de subversão feita pelo coronel Gerson de Pina, encarregado do IPM do ISEB, que acreditava estar Ênio envolvido nos planos de fuga e de cobertura do ex-governador de Pernambuco e esquerdista, Miguel Arraes. Toda essa articulação, segundo a acusação, teria ocorrido durante uma “feijoada” oferecida a Arraes por Silveira no último dia quinze daquele mês.

Decorridos pouco mais de dez anos do episódio da “feijoada subversiva” de 1965, e sem que neste período o regime civil militar implantado tenha diminuído seu controle sobre a sociedade, a Civilização Brasileira solicitou novamente o convênio com o Instituto Nacional do Livro. Dessa vez a associação buscava a publicação da obra de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço*¹⁴. Apesar de ser um homem de posições políticas claramente esquerdistas e contrárias ao regime¹⁵, Ênio, mais uma vez, teve parecer favorável ao seu pedido. Conferido neste momento por Adonias Filho, o parecer destaca as qualidades do texto e vota a favor do convênio com as seguintes palavras:

Parecer nº 1404/75
Malagueta, Perus e Bacanaço
João Antônio
Editora Civilização Brasileira S.A
Ficção
Parecer

O sucesso de crítica e público que o livro de João Antônio provocou – quando do lançamento inicial – já bastaria para justificar o convênio com o INL. Situado efetivamente na linha dos ficcionistas que tomam a vida no cotidiano para acioná-la em termos episódicos, o A. é sobretudo um incomum caracterizador de figuras.

E, se integrado nesse moderno realismo que reafirma a “ficção do testemunho”, nem por isso perde o direito de certa transfiguração que nele é parte da vocação literária. A linguagem, finalmente, assim direta e objetiva, já atesta o escritor realizado.

Voto a favor do convênio.
Adonias Filho¹⁶.
Rio de Janeiro, 4 de junho de 1975.

A coedição da obra foi lançada no mesmo ano de 1975, momento em que Herberto Sales já havia despontado no controle do Instituto Nacional do Livro. Muito além da relação entre comissão de pareceristas e editoras, era a proximidade de Ênio Silveira e Herberto Sales, como aqui já indicamos. Em outra correspondência a Sales, Ênio Silveira além de demonstrar sua admiração pelo seu editado, amigo e diretor do Instituto, procura inserir sua editora no programa de coedições de 1981 do INL,

Meu caro Herberto,

Você bem sabe que é sempre com o maior prazer que atendo aos seus pedidos. Assim, eis aqui não uma cópia xerox, mas a própria página 4 de ISTO

É com a nota de Franklin de Oliveira sobre o seu/nosso UMA TELHA DE MENOS; ao mesmo tempo lhe remeto (ao escritório do INL, já que nem sempre o SERCA encontra alguém em seu apartamento, para a entrega pessoal dos pacotes) os 20 exemplares adicionais que deseja receber.

Valho-me desta correspondência particular para comunicar-lhe à socapa e à sorrelfa que Guilherme de Figueiredo acaba de me telefonar para dizer o seguinte: “Ênio, por que você não propõe ao Herberto uma coedição com o INL de meu livro TARTUFO-81, que já está em provas? Além de eu ter conquistado com a tese que ele contem o meu doutoramento em letras, a natureza do trabalho, mais cultural do que comercial, bem justificará tal apoio.” E acrescentou, com a verve algo causticante que o caracteriza: “Reconheço que a minha atual desavença com o Portella¹⁷ pode me dificultar acesso a qualquer coisa ligada ao MEC, mas vamos ver como é que o Herberto reage.”

Tentando desde logo prevenir possível atrito entre vocês dois, esclareci a ele que as verbas do INL para este ano já estavam comprometidas e que, além disso, com o livro em primeiras provas, teríamos de agir com grande presteza.

O que é que v. me diz? Em anexo, para facilitar seus estudos, mando-lhe um orçamento prévio.

Sugiro, caso haja alguma possibilidade de seu lado, que façamos 4000 exemplares, cabendo metade a cada parte.

Aguardando a sua resposta urgente – telefônica até - , abraça-o,
Cordialmente,
o
Ênio.

É bem provável que Herberto Sales tenha respondido a carta de Ênio Silveira, apesar de não localizar a correspondência de resposta, ou mesmo, ter telefonado para o amigo e admirador, o que torna o trabalho investigativo ainda mais rarefeito e não menos interessante, mas o que o conteúdo que esta carta denota é de outra natureza. Para além da publicação de TARTUFO-81, a correspondência de Ênio a Sales ilustra de que maneira as redes¹⁸ e tramas intelectuais foram e ainda são caminhos possíveis para se esquadriñar a edição, a publicação e a circulação de livros no mercado editorial brasileiro. Mas não é só isso.

Há ainda outras questões que merecem a nossa atenção. Que explicações justificam a proximidade de Ênio Silveira, o editor militante de esquerda, Herberto Sales, diretor do INL, e Guilherme de Figueiredo, irmão do general e presidente militar João Batista Figueiredo? Podemos começar a resposta pela edição e publicação de livros. É sabido que Ênio fora um editor influente, reconhecido pela importância do selo editorial que dirigia. Publicou, não só, os livros de Herberto Sales como também obras de Guilherme de Figueiredo, dentre as quais se pode citar *Xântias - oito diálogos sobre a arte dramática*, lançada em 1957, e premiada pela Academia Brasileira de Letras. Mas a questão ainda persiste. Como explicar a interlocução de pessoas posicionadas em polos tão opostos? O que dizer dessas ambivalências evidentes?

Uma resposta plausível reside no fato de que talvez esses comportamentos aparentemente dúbios não sejam ambivalências, e sim, características próprias do universo intelectual. Ênio Silveira, Herberto Sales, Guilherme de Figueiredo e tantos outros foram intelectuais, agiam e pensavam como tais. Apesar das posições políticas bem definidas e dos cargos no funcionalismo público, todos estavam posicionados no campo letrado e os embates que travavam eram por disputas de representação¹⁹. No

caso específico de Ênio Silveira, além de intelectual, fora também empresário, ainda que de livros. A despeito de seu engajamento na esquerda e pela causa da cultura, Silveira tinha a intenção de vender livros e de fazer circular obras no mercado com o selo editorial de sua empresa, a Civilização Brasileira. Ao buscar o convênio com o Instituto Nacional do Livro nos anos 1970, Ênio não traiu a causa comunista, mas agiu como perfeito editor, preocupado com o funcionamento de sua empresa em tempos tão duros quanto os ditatoriais. No que se refere a Herberto Sales, apesar de dirigir uma instituição pública, que a época se colocava numa posição contrária ao esquerdismo, editou as obras da casa editorial de Ênio em razão dos laços de afetividade que os uniam e que compunham a rede de sociabilidade a qual pertenciam, mas também em função da qualidade que ele identificava nos textos. Sales não desafiou os militares, apenas agiu como intelectual. Também agiu como tal quando assumiu a direção do Instituto Nacional do Livro e ingressou na Academia Brasileira de Letras.

Não se pode desconsiderar o fato de que a ditadura cerceou a liberdade, impôs regras, perseguiu, torturou e matou. Também não se podem omitir as ocorrências de prisões de editores, dentre os quais se enquadra o próprio Ênio Silveira, Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, etc., os ataques e invasões as sedes de livrarias e casas editoriais, destituições de Revistas, cassações de professores e autores²⁰. Some-se a isto tudo, a censura estendida em suas formas mais bem acabadas que eram o Serviço Nacional de Informações (SNI) e o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), criado desde os anos 1940²¹. O que este artigo pretendeu não foi desconstruir a memória militante²² criada em torno da imagem dos principais exemplos editoriais de esquerda²³, mas apenas evidenciar de que maneira as negociações também fizeram e fazem parte do universo da política e, sobretudo, destacar que as posições partidárias de “esquer-

das e direitas” têm também pontos de interlocução e não somente de oposição.

O ato de negociar é entendido aqui como algo muito além da noção de cooperação, que poderia ser facilmente atribuída a Ênio e sua editora. Nesta análise, o que prevalece são as evidências de que posições políticas podem definir um editor, mas não as suas articulações ao tratar dos livros enquanto objetos de mercado. Ao buscar convênios com o INL, Ênio Silveira garantia o funcionamento de sua editora e a circulação de livros no mercado, e mais, com o selo de segurança do INL para este trânsito. Por todas essas questões e nuances do período ditatorial e das práticas editoriais do mercado brasileiro, só posso encerrar ainda que brevemente tomando de empréstimo as próprias palavras de Sales numa outra correspondência, só que para a autora Lygia Fagundes Telles onde afirma o seguinte: “uma coisa é escrever livros, e outra é entender deles, do seu comércio, de suas transas”²⁴.

Bibliografia

- ANTÔNIO, João. *Malagueta, perus e bacanaço*. 2. ed. Rio de Janeiro: INL; Civilização Brasileira, 1975.
- BEDA, Ephraim de Figueredo. *Octalles Marcondes Ferreira: Formação e Atuação do editor*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1987.
- DARNTON, Robert. Um inspetor de polícia organiza seus arquivos: a anatomia da república das letras. In: *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 191-245.
- FERREIRA, Jerusa Pires (org.). Ênio Silveira. São Paulo: Edusp; Com-Arte, 1992. (Editando o Editor; v.3).
- FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou o presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- FURTADO, C. A. *As edições do cânone*. Da fase Buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1960-1972). Dissertação de mestrado. Niterói: UFF, 2014.
- LABORIE, Pierre. Os franceses do pensar-duplo. In: ROLLEMBERG, Denise ; QUADRAT, Samantha Viz (orgs). *A construção social dos regimes autoritários – Legitimidade, consenso e consentimento no século XX, Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 31-44.
- MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: O Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975)*. São Paulo: Itaú Cultural ; Iluminuras, 2012.
- MARCELINO, Douglas Attila. *Subversivos e pornográficos: censura de livros e diversões públicas nos anos 1970*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As Universidades e o Regime Militar*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ROLLEMBERG, Denise. As trincheiras da memória. A Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura (1964-1974). In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs). *A construção social dos regimes autoritários – Legitimidade, consenso e consentimento no século XX, Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 97-144.
- SILVA, Renan. Comunidades de memória y análisis histórico. In: *A la sombra de Clio – Diez ensayos sobre historia e historiografía*. Medellín: La Carreta Editores E.U., 2007. p. 281-314.
- SOARES, Fernanda Pereira. *Autoritarismo, tecnocracia e natureza: representações da pátria brasileira em o fruto do vosso ventre, de Herberto Sales (1976)*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2013.
- SORÁ, Gustavo. A arte da amizade: José Olympio o campo do poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros. In: *Anais do I Seminário Brasileiro sobre o livro e a História Editorial*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.
- TREBITSCH, Michel. Avant-propos: La chapelle, Le clan et Le microcosme. In: GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- VIEIRA, Luiz Renato. Ênio Silveira e a Civilização

Brasileira: notas para uma sociologia do mercado editorial no Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.20, n.2, p. 139-192, jul./dez. 1996.

Outras fontes

Correspondência de Herberto Sales a Lygia Fagundes Telles. Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1979;

Correspondência de Ênio Silveira a Herberto Sales. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1980;

Correspondência de Ênio Silveira a Herberto Sales. Rio de Janeiro, 1981;

<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/>. Acesso em 22/03/2014.

Jornal Correio da Manhã, 29 de maio de 1965;

Parecer do INL, 30 de novembro de 1970;

Parecer do INL, 04 de junho de 1975;

Revista do Livro, ano XIII, 4º trimestre, nº43, 1970.

1 Bacharel, Licenciada e Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista GM pelo CNPq com o projeto *Editar a Nação e escrever sua história: livros, projetos editoriais e disputas letradas no Instituto Nacional do Livro (1937-1991)* sob orientação da professora doutora Giselle Martins Venancio. Contato: historia.mari@gmail.com

2 **Herberto Sales** (1917-1999) foi jornalista, contista, romancista e memorialista. Após a publicação de seu romance de estreia *Cascalho* em 1944, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro onde residiu até o ano de 1974 quando assumiu a direção do Instituto Nacional do Livro. No INL permaneceu até 1985. A partir de 1986, por quatro anos, morou em Paris servindo como adido cultural à Embaixada Brasileira. Regressando ao Brasil, mudou-se para a cidade de São Pedro da Aldeia onde faleceu em 1999.

3 Nas palavras de Gustavo Sorá, “entre meados das décadas de 1930 e 1950, ser editado pela livraria José Olympio do Rio de Janeiro foi o desejo de todo autor.” IN: SORÁ, Gustavo. *A arte da amizade: José Olympio o campo do poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros*. I Seminário Brasileiro sobre o livro e a História Editorial, 8 a 11 de novembro de 2004, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

4 A **Companhia Editora Nacional** nasceu em 1925 fruto da falência da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato e da sociedade proposta por Octalles Marcondes Ferreira ao próprio Lobato, antigo proprietário da gráfica. Os primeiros investimentos da editora foram dedicados aos títulos educacionais. Mais tarde, a editora criou a Biblioteca Pedagógica Brasileira de onde saiu a série *Brasileira*, responsável pela “fama” da respectiva casa editorial. Para maiores detalhes ver: BEDA, Ephraim de Figueredo. *Octalles Marcondes Ferreira: Formação e Atuação do editor*. Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Orientador: Célia Barrettini. São Paulo, 1987.

5 Para maiores detalhes ver: FERREIRA, Jerusa Pires (org.). 1992. *Ênio Silveira*. São Paulo: Edusp, Com-Arte (Editando o Editor; v.3).

6 Para o lançamento de seu primeiro livro “Cascalho”, Herberto Sales acionou a rede de sociabilidade intelectual e enviou inúmeras correspondências a Marques Rebelo que a época trabalhava no jornal *O Cruzeiro*. Além disso, a publicação desse livro somente aconteceu através da interlocução entre Aurélio Buarque de Holanda e o próprio Marques Rebelo quando do concurso promovido pela Revista do Brasil. Apesar de não ter vencido a disputa, Sales ganhou visibilidade com o escrito, o que garantiu a sua transferência para a cidade do Rio de Janeiro e uma vaga no periódico *O Cruzeiro* logo depois. Para maiores detalhes ver: SOARES, Fernanda Pereira. *Autoritarismo, tecnocracia e natureza: representações da pátria brasileira em o fruto do vosso ventre, de Herberto Sales (1976)*. Porto Alegre, PUCRS, dissertação de mestrado, 2013.

7 A **Civilização Brasileira** fora criada em 1929 por Gustavo Barroso, Ribeiro Couto e Getúlio Costa. Alguns anos mais tarde, em 1932, fora incorporada pela Cia. Editora Nacional e tinha o sinete editorial de publicar livros não didáticos e livros de ficção. Somente mais tarde, Silveira assumiu a direção da editora que a época já podia ser considerada uma das mais importantes do país e com o catálogo editorial já incrementado. Ao longo dos anos 1960, as publicações cada vez mais se direcionavam para o lançamento de livros de esquerda especialmente quando da criação da coleção *Retratos do Brasil* e do fato de alguns títulos serem ligados à história da formação do Partido Comunista. Para maiores informações ver: VIEIRA, Luiz Renato. *Ênio Silveira e a Civilização Brasileira: notas para uma sociologia do mercado editorial no Brasil*. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.20, n.2, p. 139-192, jul./dez. 1996.

8 Muitas das obras de Herberto Sales foram posteriormente reeditadas pela editora Civilização Brasileira, dentre elas, *Transcontos* (1974), *O fruto do vosso ventre* (1976) e *Einstein, o minigênio* (1983). Além do INL, Herberto Sales assumiu cargo também no Conselho Federal de Cultura (CFC) no decorrer da Ditadura civil militar brasileira, sendo este momento o auge de sua carreira intelectual. Para maiores detalhes sobre o Conselho Federal de Cultura ver: MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: O Conselho Federal de Cultura na di-*

ditadura civil-militar (1967-1975). Organização da coleção: Lia Calabre. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2012.

9 Sobre a retomada do nacional estatismo pela Ditadura civil militar, ver: REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

10 **Maria Alice Barroso** (1926-2012) foi jornalista e escritora. Formada em Biblioteconomia, lançou seu primeiro livro em 1960, intitulado “Os Posseiros”. Esteve na direção do Instituto Nacional do Livro (INL), da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional. Faleceu em 2012.

11 Para maiores detalhes ver: *Revista do Livro*, ano XIII, 4º trimestre, nº43, 1970.

12 Muitos pareceristas do Instituto Nacional do Livro, além de conhecidos no universo editorial, como por exemplo, Américo Jacobina Lacombe, diretor da segunda fase da Coleção *Brasiliense* na Cia. Nacional, tinham ligações com o regime dentre os quais se podem citar o futuro ministro da Educação do governo João Figueiredo, Eduardo Portella. Somado a esses nomes, há de se considerar o de Adonias Filho, membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) que em 1973 apresentou ao governo o Relatório da Comissão da Liberdade de Imprensa, evidenciando a ambivalência da associação diante do possível apoio a Ditadura. Para maiores detalhes sobre a ABI ver: ROLLEMBERG, Denise. As trincheiras da memória. A Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura (1964-1974). In: ROLLEMBERG, Denise; VIZ QUADRAT, Samantha (orgs). *A construção social dos regimes autoritários – Legitimidade, consenso e consentimento no século XX, Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 97-144.

13 Para maiores detalhes ver: ANDRADE, Oswald. *Obras Completas por Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971, v.7, publicado em convênio com o Instituto Nacional do Livro.

14 *Malagueta, perus e bacanaço* trata da história de uma noite na vida de três personagens malandros que dão título à obra. Os personagens que compõe o trio representam os típicos malandros paulistas que passam as noites a procura dos mais diferentes modos de fazer ganhos em dinheiro. Para maiores detalhes ver: ANTÔNIO, João. *Malagueta, perus e bacanaço*. Rio de Janeiro, 2 ed. Co-ed. Rio de Janeiro, INL, Civilização Brasileira, 1975. A primeira edição também fora lançada pela editoria Civilização Brasileira, mas data de 1963.

15 Sobre a posição contrária do regime ditatorial, há de se considerar a atuação de Ênio Silveira no Centro Brasil Democrático (CEBRADE) criado em 1978 e que consistia numa sociedade civil, com personalidade jurídica e não lucrativa que procurava defender os direitos humanos no Brasil nos termos da Declaração Universal aprovada pelas Nações Unidas. Além de Silveira, outro importante intelectual com quem dividiu a vice-presidência da sociedade foi Sérgio Buarque de Holanda. Para

maiores detalhes ver: FURTADO, C. A. *As edições do cânone. Da fase Buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1960-1972)*. Dissertação de Mestrado do PPGH-UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2014.

16 **Adonias Filho** (1915-1990) Jornalista, integralista, crítico literário, romancista e membro da ABL.

17 Conforme indicado na nota número 11, o sobrenome Portella supracitado se refere ao ministro da Educação de João Figueiredo, Eduardo Portella.

18 Para entender a ideia de rede é preciso antes compreender a noção de lugar de sociabilidade. O sentido de “rede” remete às estruturas organizacionais que se constituem em lugares de aprendizado e trocas intelectuais, indicando a dinâmica do movimento de circulação de ideias. Para além disso, indica os espaços de sociabilidade mais do geográficos são afetivos captando vínculos de amizade/cumplicidade e mesmo de competição/hostilidade como marca registrada da sociabilidade. Para maiores detalhes ver: TREBITSCH, Michel. *Avant-propos: La chapelle, Le clan et Le microcosme*. Apud. GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

19 As disputas de representação afirmadas acima estão em profunda interrelação com o conceito de República das letras tal qual defendido por R.Darnton. Para o historiador, houve na França dos séculos XVI-XVIII, sobretudo neste último, um campo cultural aberto a todos, mas dotado de especificidades e regras partilhadas por aqueles que pertenciam a este mesmo universo. Tal ideia é muito próxima da compreensão das redes de sociabilidade intelectual brasileira aqui apresentadas, e principalmente, da noção de campo intelectual que permeia esta análise. Para maiores detalhes ver: DARNTON, Robert. “Um inspetor de polícia organiza seus arquivos: a anatomia da república das letras”. In: *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 191-245.

20 Para maiores detalhes ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As Universidades e o Regime Militar*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2014.

21 Sobre a censura a livros e diversões públicas ver: MARCELINO, Douglas Attila. *Subversivos e pornográficos: censura de livros e diversões públicas nos anos 1970*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

22 Sobre o conceito de memória ver: SILVA, Renan. Comunidades de memória y análisis histórico. In: *A la sombra de Clio – Diez ensayos sobre historia e historiografía*. La Carreta Editores E.U., Medellín, 2007, pp. 281-314.

23 A respeito do atentado à bomba sofrido pela Civilização Brasileira, ver a reportagem do caderno Prosa do Jornal O Globo de março deste ano. Disponível: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/>. Acesso em 22/03/2014.

24 Carta de Herberto Sales a Lygia Fagundes Telles. Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1979.